



**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Filosofia da Educação II
Educador: João Nascimento Borges Filho**

Freud e a Educação

Leandro de Lajonquière

Universidade de São Paulo (USP)

Sigmund Freud (1856-1939), médico vienense, considerado, por seguidores e detratores, o "Pai da Psicanálise". Em não poucas oportunidades exprimiu sua pretensão de que a psicanálise não viesse a ficar restrita ao âmbito da "cura de certas formas da nervosidade" (1913b). No que diz respeito à "aplicação da psicanálise aos fins da educação" (1913b), não cansou de lembrar que seu aporte pessoal fora escasso (cf. 1925). No entanto, em nome da psicanálise podem contabilizar-se, até o presente, inúmeras iniciativas reflexivas e aplicações práticas (cf. Filloux, 1997). De igual modo, não são poucas as advertências no sentido de ser impertinente qualquer incursão psicanalítica em assuntos pedagógicos e educativos (cf. Millot, 1979). A polêmica deriva, em parte, do caráter assistemático das referências freudianas à pedagogia e à educação, bem como da estreita ligação das mesmas com as reviravoltas na formulação da própria teoria analítica. Mais ainda, ela se insere no domínio dos debates sobre os fundamentos da educação.

A problemática da educação entrou na pauta das preocupações freudianas, na esteira de uma outra, qual seja, as relações entre o padecimento psíquico e a moral sexual de finais do século XIX (cf. 1905, 1907, 1908). O mal-estar, pensado, até certo ponto, como o efeito de uma defesa psíquica perante a contradição entre o *desejo sexual* e as prescrições morais da época, relevou a possibilidade de uma psicoprofilaxia educativa na infância. Porém, à medida que Freud avançou na formulação do *modelo pulsional* - explicação *metapsicológica* do *aparelho psíquico*-, a forma de se pensar a relação entre o indivíduo e a cultura, bem como o estofamento da educação, foram se definindo



paulatinamente. Em 1920, com a elevação ao estatuto de verdade psicológica da irreduzibilidade entre a *pulsão de morte* e as *pulsões de vida*, não só o mal-estar psíquico deixa de ser pensado como um efeito cultural contingente senão também as próprias realidades culturais passam a ser consideradas um produto da *divisão* ou *castração psíquica* –tanto objeto quanto motor da operação de *recalque*– inerente ao processo de humanização. Já em 1937, Freud sepulta de vez a possibilidade de uma educação psicoprofilática à luz da psicanálise.

No entanto, a impugnação de se pensar numa profilaxia do mal-estar psíquico não levou consigo a esperança de Freud numa educação infantil diferente à subministrada na sua época. Ela está, até certo ponto, em primeiro lugar, colada à ilusão profilática como, por exemplo, nos textos de 1907, 1908, 1913a, 1916-1917a e em 1926, mas a separação processa-se ao longo da obra. Já em 1905, ao tempo que Freud reconhece ser no mínimo problemática a questão da profilaxia, mantém a aposta na troca dos fins educativos. Logo, em 1932a, observa mais uma vez a dificuldade de se levar à prática a profilaxia junto às crianças, bem como esboça a psicanálise dos próprios educadores como uma possibilidade *sui generis* para que a educação venha a encontrar seu devido caminho. Nessa oportunidade, também examina a "missão primeira da educação", declara que até esse momento a educação cumpriu imperfeitamente sua missão, bem como que a "educação psicanalítica" visa fazer da criança um "homem sadio e eficiente", que não venha a se colocar "ao lado dos inimigos do progresso". A esperança freudiana numa outra educação ganha, em 1927, o nome de *educação para a realidade*. Essa, à diferença daquela proposta na sua época - em particular, pela piedade cristã à moda do idealismo germânico ou da cultura norte-americana, mas também pelo stalinismo russo (cf.1932b) - deve evitar a "miséria psicológica das massas" (1929), a pesar de não poder se mudar "notadamente a essência psicológica do homem" (1927).

Por outro lado, ao longo dos textos freudianos também se processa uma outra distinção importante: aquela que medeia entre a *psicanálise com crianças* e a *educação infantil* resultante da dita aplicação da psicanálise. No início, a primeira empresa se anuncia através da segunda e ambas se confundem nas mãos do pastor Pfister e da filha Anna. Porém, ambas deixam com o tempo de



se recobrir totalmente. Assim, primeiro encontramos, sem lugar a dúvidas, que ao processo educativo de uma criança pode se lhe acrescentar, com fins profiláticos, um pouco de psicanálise como, por exemplo, nos textos 1913a, 1913b. Em 1926, Freud refere-se ao resultado dessa conjunção em termos de "tratamento misto" e "análise de crianças". Entretanto, num segundo momento, em 1925, declara, por um lado, que a tarefa pedagógica é algo *sui generis* que nem pode ser confundida nem substituída pela influência psicanalítica e, por outro, que a "psicanálise de crianças" pode intervir na educação como "um recurso auxiliar" quando assim for necessário. Mais ainda, apesar da psicanálise do adulto neurótico ser equivalente a uma reeducação, Freud frisa que a educação das crianças reclama "outra coisa diferente da análise mesmo que coincida com ela no objetivo". Esta "outra coisa" é um outro tipo de educação. Ela, em virtude de resultar da "aplicação da psicanálise", compartilha o objetivo da "situação analítica" que devido ao fato de exigir "o desenvolvimento de determinadas estruturas psíquicas e uma atitude singular perante o analista" não pode ser aplicada, sem mais, a um "ser imaturo" como a criança. Sendo o objetivo de uma análise, levar o adulto neurótico a reconhecer aquilo do qual se defende graças ao sintoma - a *lei do desejo*-, conclui-se que a imaturidade infantil reclama por uma intervenção educativa capaz de enveredar a criança rumo à *castração* que nos humaniza.

A crítica freudiana à educação da época esboçada desde o início, parece visar o caráter excessivo da moral adulta em voga, veiculada já na infância. Assim, as esperanças estariam cifradas numa reforma educativa menos repressiva até o deflacionamento total da aposta na profilaxia. Porém, muito antes de 1920, por exemplo, numa série de rascunhos e cartas endereçadas a Fliess (01/01/1896; 14/11/1897; 31/05/1897), Freud já observa o caráter irreduzível do desprazer psíquico atrelado à natureza *sui generis* do desejo sexual, bem como do processo de humanização social. Em 1905, refere à existência de impulsos em si mesmos perversos que só podendo acarretar desprazer reclamam pela "ação de forças psíquicas contrárias". Em 1912, declara que o resto de insatisfação, inerente à "natureza mesma do instinto sexual", é "fonte de máximos rendimentos culturais" quando "submetido às primeiras normas da civilização". E, finalmente, em 1929, Freud afirma, já sem rodeios, que o desprazer é o efeito inevitável da humanização, devido à tensão



contraditória inerente à bissexualidade constitutiva, ao fato de a relação erótica comportar também "tendências agressivas diretas", bem com, fundamentalmente, à "adoção da postura bípede e à desvalorização das sensações olfativas". Dessa forma, Freud, apesar de se iludir por algum tempo com a possibilidade de profilaxia, nunca cifra suas esperanças num manejo quantitativo das restrições *pulsionais* inerentes à intervenção educativa e, portanto, suas constantes críticas à pedagogia da época visam uma modificação do *status quo* educativo em prol de uma qualidade diferente de intervenção dos adultos junto às crianças. Em outras palavras, a "aplicação da psicanálise à educação" visa que os adultos possam vir a se endereçar às crianças em nome de outra coisa que a moral de seu tempo.

A *educação para a realidade*, almejada por Freud, adquire sentido por oposição àquela promovida pela pedagogia religiosa. A *realidade* está longe de ser a dita realidade cotidiana e, portanto, o anseio freudiano não deve ser entendido num sentido psicológico-adaptacionista. Por um lado, cabe lembrar que essa proposição educativa está sobreposta à definição da educação, em si mesma, como sendo "o estímulo ao vencimento do *princípio de prazer* e a substituição do mesmo pelo *princípio de realidade*" (1911) e, por outro, a realidade cotidiana, produto das ilusões religiosas, não é outra coisa que uma espécie de grande "neurose coletiva" (1929). Assim, a educação para a realidade implica em *educar para o desejo* ou com vistas a possibilitar o *reconhecimento* da impossível realidade do *desejo*, isto é, do caráter artificialista de seu estofo mascarado, precisamente, pelas ilusões religiosas.

É possível apurar o teor da crítica à moral religiosa no contexto da análise acerca da impertinência de se considerar a teoria psicanalítica uma *Weltanschauung* particular (cf.1932b). A crítica focaliza o cunho justificacionista, isto é, obturador da mesmíssima dimensão *ética* do agir humano. Freud, por um lado, está persuadido que, à medida que o homem obedece em nome de algum Deus, sua ação encontra justificativa numa realidade espiritual transcendente à sua vida social, bem como ganha uma certa certeza subjetiva (cf. Lajonquière, 2000). Assim, quando de suas mãos escorrega toda ilusão divina, torna-se possível a instalação da pergunta pelo *desejo* que anima seu ato e, por conseguinte, que venha a se perfilar no horizonte uma nuvem de incerteza espiritual ou inquietação moral. Por outro



lado, Freud assinala não só a necessidade em si das *exigências morais* senão também de vir a lhes outorgar um outro "fundamento" – a própria condição humana. Em suma, Freud assinalou um aspecto em especial das doutrinas religiosas que, hoje, bem poderia ser chamado de *fundamentalismo religioso*.

Nesse contexto, a persistente crítica freudiana à educação da época aponta a um aspecto central, qual seja, seu *justificacionismo pedagógico*, epifenômeno do fundamentalismo religioso. Freud cifrou suas esperanças numa *educação além do justificacionismo pedagógico*. Assim, *uma educação para a realidade do desejo* nunca pode vir a se constituir num parâmetro pedagógico para o futuro, seja ou não psicanalítico. A crítica freudiana à pedagogia da época pressupôs a possibilidade de *uma educação à seca*, isto é, carente das habituais justificativas pedagógicas, obturadoras da *dimensão ética* da educação. A relação com a criança articula-se em torno a sua própria impossibilidade por conta do *desejo* que a anima e, portanto, reclama do adulto uma *interrogação ética* (cf. Lajonquière, 1999). Assim, Freud esperou que o adulto possa sustentar o *ato educativo* na medida de sua não obediência às prescrições e parâmetros pedagógicos sempre irradiadores de certezas espirituais.

FILLOUX, J.C. (1997). "Psicanálise e Educação, pontos de referência". *Estilos da Clínica. Revista sobre a Infância com Problemas*, nº 2, pp.8-17.

FREUD, S. (1892-1899). "Extratos dos documentos dirigidos a Fliess". In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. I, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.

_____ (1905). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". In: op. cit., Vol. VII.

_____ (1907). "O esclarecimento sexual das crianças". In: op. cit., Vol. IX.

_____ (1908). "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna". In: op. cit., Vol. IX.

_____ (1911). "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental". In: op. cit., Vol. XII.

_____ (1912). "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor". In: op. cit., Vol. XI.



_____ (1913a). "Introduce a *The Psycho-analytic method*, de Oskar Pfister". In: op. cit., Vol. XII.

_____ (1913b). "O interesse científico da psicanálise". In: op. cit., Vol. XIII.

_____ (1916-17a). "Conferências Introdutórias sobre psicanálise – Conferência XXIII". In: op. cit., Vol. XVI.

_____ (1920). "Além do princípio do prazer". In: op. cit., Vol. XVIII.

_____ (1925). "Prefácio a *Juventude Desorientada*, de August Aichhron". In: op. cit., Vol. XIX.

_____ (1926). "A questão da análise leiga". In: op. cit., Vol. XX.

_____ (1927). "O futuro de uma ilusão". In: op. cit., Vol. XXI.

_____ (1929). "O mal-estar na civilização". In: op. cit., Vol. XXI.

_____ (1932a). "Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise – Conferência XXXIV". In: op. cit. Vol. XXII.

_____ (1932b). "Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise – Conferência XXXV". In; op. cit., Vol. XXII.

_____ (1937). "Análise terminável e interminável". In: op. cit., Vol. XXIII.

LAJONQUIÈRE, L. de (1999). *Infância e Ilusão (Psico)Pedagógica. Escritos de Psicanálise e Educação*. Petrópolis: Vozes.

_____ (2000). "Freud, l'éducation et les enfants: entre la psychanalyse et la politique". *Etats Généraux de la Psychanalyse*, < <http://members.aol.com/call971/texte73.html> >

MILLOT, C. (1979). "*Freud Antipedagogo*". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.



Prof. Borges

